



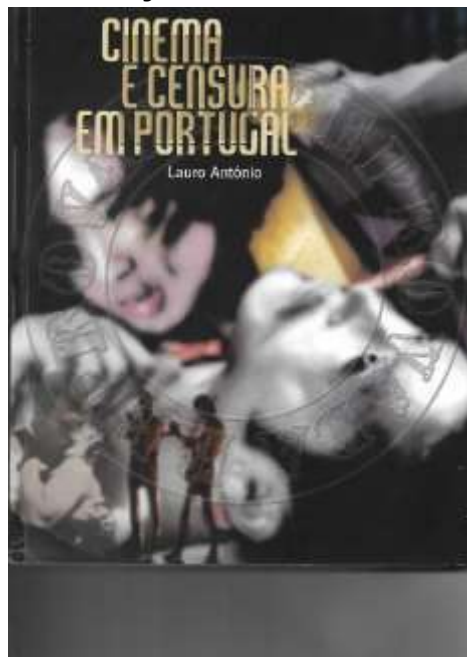
FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2020 - 21H00
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO N.º 39 - (entrada livre)

O FALSO PROFETA

Título original: Elmer Gantry

Realização: Richard Brooks (EUA, 1960)



CINEMA E CENSURA EM PORTUGAL

Aquando da sua data de estreia mundial, 1960, o filme “O Falso Profeta” (Elmer Gantry), de Richard Brooks, foi proibido em Portugal. A censura instituída legalmente só terminou no nosso país depois do 25 de Abril de 1974. Eu fui um dos elementos, do cinema, do teatro, da televisão, dos jornais, que participaram, três ou quatro dias depois dessa data (creio que a 29 de abril), num “soit disant” “assalto” à Direção-Geral dos Espetáculos para “decretar” o fim da censura. A iniciativa foi mais simbólica que outra coisa, mas serviu para as autoridades de então tomarem uma atitude e acabarem oficialmente com a censura aos espetáculos, ao teatro, ao cinema, à televisão, à imprensa, à edição de livros, etc.

Nesse dia, por curiosidade tive acesso aos arquivos da Comissão de Censura, um armário numa das dependências da Direção-Geral dos Espetáculos, onde se guardavam os dossiers relativos a todos os filmes que passavam pelo crivo dos censores. Obviamente que não estavam lá todos os dossiers, dado que a censura já existia há largas décadas e em cada ano se estreavam cerca de 300 a 400 títulos em Portugal (fora os que chegavam à censura e não eram

autorizados na totalidade a serem exibidos). Mas estariam umas largas centenas. Como sempre me interessou a liberdade (e a censura, como seu contrário), dias depois solicitei autorização para consultar o espólio para escrever um livro, documentado, sobre essa funesta atividade que tratava os portugueses como débeis mentais ou infantilizados, que não poderiam pensar pelas suas próprias cabeças.

Foi assim que passei algumas semanas a copiar sentenças de morte ou de liberdade vigiada sobre os filmes que iam surgindo. Curiosidade suplementar que urge não esquecer de sublinhar: no dia que se deu o “assalto” existiam muitos mais dossiers do que no primeiro dia em que comecei a consulta. Como interpretar o facto? Várias são as interpretações: antigos censores conseguiram desviar alguns dossiers mais escandalosos; personalidades que integravam o “assalto” resolveram levar para casa “recordações” (poucos eram os filmes portugueses que se encontravam para consulta quando iniciei a pesquisa); indivíduos de suspeita honorabilidade desviaram dossiers sabe-se lá porquê, etc.

Do que restou, consegui compilar material para um livro onde se registou tudo o que por lá se encontrava. A obra chamou-se “Cinema e Censura em Portugal, 1924-1974”, teve uma primeira edição na Ed. Arcádia, em 1978, e uma segunda edição, ampliada e mais ilustrada, promovida pela Biblioteca Museu República e Resistência, em 2001. Ambas as edições se encontram esgotadas.

Vejam, então, como funcionavam os serviços de censura no caso do cinema. Quando um distribuidor português queria comprar um filme estrangeiro para exhibir em Portugal, a primeira questão era: valerá a pena sequer tentar? Para muitos filmes, os distribuidores nem sequer se davam ao trabalho de os trazerem para o nosso país, pois seriam seguramente proibidos na totalidade. Nalgumas ocasiões, tentavam, e os censores ficavam de tal forma furiosos que “castigavam” a distribuidora em filmes posteriores. Assim, mais valia nem tentarem. Outras vezes, quando o filme tinha uma ou outra cena mais ousada, eram os distribuidores que as cortavam antes de seguirem para a censura, por forma a não provocar a famigerada fúria dos senhores. Mesmo assim, às vezes protestavam: como se atreveram a cortar o filme antes de o vermos?

Mas passemos à fase seguinte. Um distribuidor estava interessado num filme. Pedia ao produtor estrangeiro para enviar uma cópia em 35 milímetros para o nosso país, à condição. Ia à censura e, se fosse aceite, era comprada. Por

isso não se podia imprimir no celuloide as legendas. Ia a cópia original e seguiam em anexo os diálogos traduzidos. O que poderia então acontecer?

1. O filme era integralmente proibido;
2. O filme era cortado nalgumas cenas (imagem e diálogos);
3. O filme era cortado nas cenas e não nos diálogos, desde que fossem em língua suficientemente estranha (sueco por exemplo: aconteceu em “Persona”, de Bergman, um longo monólogo de Liv Ullmann, em grande plano, provocou pateada no Estúdio do Império. Foi cortado no dia seguinte);
4. O filme era autorizado, então, na totalidade ou com cortes. Mas a censura não ficava por aí. Um filme inglês, “Meias Pretas”, estreou no Éden, com alguns cortes. A seguir à estreia as senhoras do Movimento Nacional Feminino protestaram junto de quem de direito e o filme foi mais cortado. Não satisfeitas ainda, protestaram mais e as “Meias Pretas” já eram soquetes.

No caso dos filmes portugueses, a censura era ainda mais rígida, pois podia impedir a realização dos filmes. O guião tinha de ir à censura prévia, que aceitava ou recusava, que cortava cenas e diálogos. Depois do filme terminado, seguia os trâmites normais de qualquer outro filme, mas os olhos eram muito mais rigorosos: afinal tratava-se da realidade nacional!

Muito haveria ainda a dizer sobre a censura, sobretudo a saborear alguns episódios verdadeiramente insólitos. Mas ficará para uma outra vez.

(sobre o tema e esta obra pode ler-se um texto de Ana Bela Morais, publicado na “Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento”, <http://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/article/view/31/html>).

O FALSO PROFETA

Se há algo que não se discute, será a fé. Essa, ou se tem ou não se tem. Ou se sente ou não. Não se contesta. Não é racional. Não existem argumentos para a defender ou combater. Pode apoiar-se racionalmente uma crença política, valorizar certos aspetos, criticar outros, pode discutir-se o liberalismo ou o socialismo. Não se pode tomar nenhuma atitude idêntica face à fé. Um ateu pode tentar racionalmente destruir a crença num deus, que o crente limitar-se-á a concluir: “Mas eu acredito”. Por isso poucas são as obras de arte que criticam a fé. Mas muitas as que criticam aspetos ligados à fé.



“Elmer Gantry”, de Richard Brooks, com argumento do próprio, retirado com alguma liberdade literária, de um romance de Sinclair Lewis, um dos grande escritores norte-americanos da primeira metade do século XX, prémio Nobel de Literatura, é um desses casos. Um dos melhores que o cinema nos deu. Nunca pondo em causa a fé, mostra como esta pode ser manipulada por pessoas sem escrúpulos, como esse vendedor ambulante, cheio de lábia, de simpatia e de palavra fácil, um daqueles de quem mais tarde se diria que podem vender um político como um sabonete. Uma questão de marketing e de publicidade bem utilizadas. Saber falar e dizer no momento certo o que as pessoas querem ouvir.

Elmer Gantry (Burt Lancaster) é o protagonista exemplar (valeu ao ator um justo Oscar para Melhor Ator do ano por este seu papel). Anda de terra em terra vendendo o que calha, é um caixeiro-viajante a quem nem todos compram o que oferece, mas que todos gostam de ouvir contar uma boa anedota, enquanto bebem uma cerveja num qualquer bar de uma cidadezinha do interior. Também se serve da sua empatia natural e do seu rasgado sorriso para conquistar as mulheres que vai deixando pelo caminho. Prostitutas ou não. Até um dia se deparar com uma evangelista, a irmã Sharon Falconer (Jean Simmons), que o arrebatava talvez pelo contraste, mas sobretudo porque lhe abre perspectivas sobre um futuro radioso como pregador e o faz acalentar esperanças de seduzir a virginal sacerdotisa. Troca a tarefa de vendedor ambulante de produtos para a casa, pela oratória de um sacerdote que vende para a alma dos seus ouvintes o que eles querem ouvir. Aleluia!

O romance de Sinclair Lewis, que não conheço, foi escrito em 1927, refere-se a um período da história dos EUA, à beira da Grande Depressão, em que os americanos acreditam em tudo o que lhes diziam (parece que ainda assim é, em muitos casos), quer fosse para comprarem casas “excelentes” erguidas em pântanos, quer em deuses que lhes ofereciam a felicidade eterna e a vida prazenteira na Terra. Por isso era fácil lançar sermões arrebatadores que provocavam conversões em massas e cenas de grande histeria. Numa assembleia maioritariamente rural, intelectualmente pouco exercitada, a retórica de um bom demagogo populista funciona sempre (ainda hoje funciona, para “vender” presidentes). O que o livro (e o filme) denuncia, não é, pois, a fé, mas a maneira como ela é aproveitada

para ludibriarem os povos. Em vez de um sacerdote metodista, pode substituir-se por um político carreirista. O perigo mantém-se.

Muito interessante no filme de Richard Brooks é uma certa ambiguidade que rodeia as personagens principais. Elmer Gantry é um grande aldrabão, não temos dúvidas, mas por vezes suscita simpatia ou mesmo compaixão. A representação de Burt Lancaster também contribui em muito para este sentimento e esta duplicidade de comportamento. Jean Simmons (mulher de Richard Brooks na realidade), na figura da irmã Sharon Falconer, é igualmente brilhante, pois tão depressa a pressentimos santa, como logo a vemos como pragmática calculista que, sem nunca atingir o despudor de Elmer Gantry, o secunda sem hesitar. Excelentes são ainda Arthur Kennedy, na figura de um jornalista ateu, que anda a escrever uma reportagem sobre o que presencia, mas que não deixa igualmente de se deixar “tocar” pela simpatia dos protagonistas, e Shirley Jones, Lula Bains, uma prostituta que acabará por causar alguns graves problemas a Elmer, com as suas revelações bombásticas na cidade de Zenith, onde incendiará o ambiente.

Richard Brooks iniciou a sua carreira como argumentista, tornando-se rapidamente num dos elementos de referência em Hollywood. Depois, como argumentista de quase todos os seus filmes e como realizador, assinou algumas das obras mais interessantes do cinema norte-americano das décadas de 50 a 70, podendo citar-se, entre os seus títulos mais marcantes, “Sementes de Violência”, “A Última Caçada”, “Os Irmãos Karamazov”, “Gata em Telhado de Zinco Quente”, “Falso Profeta”, “Corações na Penumbra”, “Lord Jim”, “Os Profissionais”, “A Sangue Frio” ou “Desafio à Coragem”. Com um óbvio pendor para adaptações de obras literárias, Brooks construiu uma filmografia particularmente interessante que urge revalorizar.

“Elmer Gantry”, que debate um tema melindroso, ainda no tempo do famigerado Código Hays (o que terá levado a inscrever uma legenda inicial não aconselhando o filme a crianças!) ganhou ainda outros Oscars para lá do de Burt Lancaster. Shirley Jones foi considerada a Melhor Atriz Secundária e, Richard Brooks, o Melhor Argumentista, partindo de uma obra literária. Foi nomeado para Melhor Filme e Melhor Música (André Previn). Nos Globos de Ouro, Burt Lancaster ganhara igualmente o prémio de Melhor Ator (drama).



O FALSO PROFETA

Título original: Elmer Gantry

Realização: Richard Brooks (EUA, 1960); **Argumento:** Richard Brooks, segundo romance de Sinclair Lewis; **Produção:** Bernard Smith; **Música:** André Previn; **Fotografia (cor):** John Alton; **Montagem:** Marjorie Fowler; **Direção artística:** Edward Carrere; **Decoração:** William F. Calvert, Frank Tuttle; **Guarda-roupa:** Dorothy Jeakins; **Maquilhagem:** Harry Maret, Robert J. Schiffer, Joan St. Oegger; **Direção de Produção:** Gilbert Kurland; **Assistentes de realização:** Tom Shaw, Carl Beringer, Joseph Pevney, Rowe Wallerstein, Robert Webb; **Departamento de arte:** Hudson Ratabaugh; **Som:** Fred J. Brown, Harry D. Mills; **Companhia de produção:** Elmer Gantry Productions; **Intérpretes:** Burt Lancaster (Elmer Gantry), Jean Simmons (Irmã Sharon Falconer), Arthur Kennedy (Jim Lefferts), Dean Jagger (William L. Morgan), Shirley Jones (Lulu Bains), Patti Page (Irmã Rachel), Edward Andrews (George F. Babbitt), John McIntire (Rev. John Pengilly), Hugh Marlowe (Rev. Philip Garrison), Joe Maross (Pete), Philip Ober (Rev. Planck), Barry Kelley, Wendell Holmes, Dayton Lummis, Harry Antrim, Larry J. Blake, Peter Brocco, Budd Buster, George Cisar, Ralph Dumke, Sally Fraser, Everett Glass, Sol Gorss, Mary Adams Hayes, Jimmie Horan, Charles Horvath, Rex Ingram, Colin Kenny,

Mike Lally, Joanna Lancaster, Sighle Lancaster, Norman Leavitt, Robert P. Lieb, BarBara Luna, John McKee, David McMahon, Charles Morton, Ed Nelson, William H. O'Brien, Gloria Pall, Milton Parsons, Jack Perry, John Qualen, Dan Riss, Max Showalter, Marjorie Stapp, Bert Stevens, Jack Stoney, Ken Terrell, Dale Van Sickel, Ray Walker, Michael Whalen, Guy Wilkerson, Jean Willes, etc. **Duração:** 146 minutos; **Distribuição em Portugal:** filme proibido antes de 1974; **Distribuição em Portugal (DVD):** inexistente; **Distribuição Blu-ray:** Real Films (Espanha); **Classificação etária:** M/12 anos.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 2020

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO N.º 40 21H00 (entrada livre)

A GRANDE ILUSÃO

Título original: LA GRANDE ILLUSION

Realização: JEAN RENOIR (FRANÇA, 1937); **Duração:** 113 minutos